

ARTIGOS

AS TEORIAS DA INTERPRETAÇÃO DA HISTÓRIA E A PROFECIA

Rúben Aguilar, Ph.D.

Professor de história do cristianismo do curso de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho
ruben.aguilar@unasp.edu.br

RESUMO: A importância da História não reside no fato de “o que” estudar, mas, em “como” estudar a História. Com esse propósito se estruturam princípios de interpretação do acontecer histórico. Um dos princípios é o da “Causalidade”, o qual afirma que todo evento está sujeito a uma causa. Dentro desse princípio foram elaboradas as teorias de interpretação histórica: “cíclica”, defendida por historiadores antigos e; “linear” proposta por historiadores modernos. A teoria “linear” apresenta-se em duas expressões: a primeira, defende a idéia de que os eventos seguem o ideal de liberdade; a segunda, sugere que todo evento histórico é o resultado da luta de classes. Outro princípio é o “Determinismo”, baseado na ação da natureza, onde cada fenômeno já está determinado pelas leis naturais. Assim também os eventos históricos. Segundo A. Toynbee, a História está determinada segundo o plano divino. Concluímos que o princípio do “Determinismo” se expressa na Profecia. É nesse aspecto que a História se relaciona com a Profecia.

PALAVRAS-CHAVE: História, Causalismo, Determinismo, Profecia, Liberdade, Materialismo.

The theories of interpretation of History and Prophecy

ABSTRACT: The importance of History does not remain on the fact of “what” must be studied, but in “how” it must be done. In order to reach this purpose, some principles of interpretation of the historical facts were elaborated. One of these is the principle of “Causality” that maintains the idea that every historical event is subjected to a cause. Inside this principle there are two theories of historical interpretation: the “cyclic” and the “linear”. The “linear” theory itself has two branches: the first defends the idea that every event follows the goal of liberty. The second suggests that all events are the result of social fights. Another principle is the “Determinism” which maintains that, as in Nature, every phenomenon is determined by a natural law. A. Toynbee affirms that History is determined according to a divine plan. Hence, the natural conclusion is this “Determinism” is manifested in biblical prophecies. It is in this aspect that History relates itself to Prophecy.

KEYWORDS: History, Causalism, Determinism, Prophecy, Liberty, Materialism.

1. INTRODUÇÃO

O termo “História” foi utilizado por Heródoto de Halicarnasso (484-425 a.C.) como título da sua obra, onde procurou narrar eventos político sociais das nações do antigo Oriente Médio, e que ao seu juízo, foram considerados dignos de serem preservados. O que realmente foi preservado, nas narrativas de Heródoto, foram eventos que presenciou ou chegaram ao seu conhecimento, como fruto das suas pesquisas, e de ouvir depoimentos de testemunhas, as mais diversas. Dessa maneira o termo “História”, que significa “pesquisa”, justifica plenamente o título dado à obra do pioneiro da narrativa histórica.

2. DIÁLOGO ENTRE O PRESENTE E O PASSADO

Utilizando o significado etimológico do termo, pode-se conceituar a História como a exposição de narrativas de eventos do passado, obtidos mediante pesquisa. Por essa razão foi estabelecido que o “objeto” da História é, ou são, os eventos já ocorridos; e o “propósito” da mesma é narrar os acontecimentos passados, como eles “tinham realmente ocorrido”¹. Sobre esses aspectos, recai a crítica dos historiadores contemporâneos, justificadamente certa, de que desprever eventos do passado como realmente aconteceram é praticamente impossível.

Apesar dessa controvérsia, o conceito de História, qualquer que seja mencionado, não deixa de destacar a relação que o estudioso da história tem com o passado. Este é o motivo pelo qual permanece estável o conceito enunciado por Edward Hallet Carr, que define a História como “um processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo sem fim entre o presente e o passado”².

O conceito que define uma determinada ciência, revela qual é o objeto de estudo da tal ciência. No caso da História, como fora citado anteriormente, são os eventos do passado. Para o estudioso da história, ter como objeto de estudo essa disciplina os acontecimentos do passado, responde satisfatoriamente à questão sobre “o quê” o historiador deve pesquisar.

No entanto, para uma interpretação filosófica da História, não é tão relevante conhecer “o quê” o historiador estuda; mas, “como” o estuda. Isso sugere o estabelecimento de certas linhas de pensamento interpretativo sobre o acontecer histórico. Em outras palavras, é uma forma de tornar inteligível o fato histórico. A atitude do teórico da interpretação filosófica da história é buscar uma resposta à questão do “por que” ocorreu o evento histórico.

3. O PRINCÍPIO DA CAUSALIDADE

A História pode ser considerada como uma das mais antigas ciências documentadas do conhecimento humano. O início da historiografia é anterior ao aparecimento das ciências contemporâneas, como as físicas, biológicas, sociais, etc. Foi assim que, ao longo dos séculos de produção de tratados históricos, surgiram algumas manifestações teóricas que fundamentam a interpretação do acontecer histórico e, dessa maneira, procuram dar resposta à interrogante filosófica: por que acontece o fato histórico?

Uma das primeiras formas teóricas de interpretação da História foi a chamada “Teoria Cíclica”. Segundo esta posição, a história acontece sem começo nem fim, semelhante a estrutura de um círculo. Um evento já ocorrido, volta a ser repetido. É como se um determinado ponto de um aro em movimento circular tocasse a superfície em certo momento e, voltasse a fazê-lo em outro momento.

A síntese dessa corrente leva a exprimir a frase: tudo que aconteceu ao homem, acontecerá a ele novamente. O mesmo pensamento, dito na forma de ação, seria expresso com a frase: tudo que o homem fizer, o fará novamente, numa ação repetitiva permanente. Esta forma de interpretação da História dominava o pensamento dos historiadores gregos, como Heródoto, Tucídides, Políbio; e os romanos, como Tácito e Lívio³.

Um modelo de interpretação da História, relativamente variado do anterior, foi proposto por Giambattista Vico (1688–1744). Esse autor expõe seu pensamento na sua obra sobre *Crítica da Razão Histórica*, onde admite que a História é repetitiva, conforme a teoria cíclica; mas também é progressiva, ou seja, segue uma determinada orientação, segundo expressa a “Teoria linear”. Pode-se ilustrar o pensamento de Vico, utilizando a figura geométrica de uma espiral, onde a repetição é constante, porém, com características progressivas de uma orientação ascendente⁴.

A mais clara expressão da Teoria Linear, sobre a interpretação da História, é encontrada no idealismo de Friedrich Hegel (1770–1831). Esse pensador defende a posição de que desenvolvimento histórico se dá na procura de um ideal supremo: a liberdade. Todos os eventos históricos acontecem em forma sucessiva, e são motivados pelo desejo humano de aspirar à liberdade plena. A sociedade que alcançasse esse padrão ideal de liberdade, teria constituído o que ele denominava de Estado racional. Para Hegel, a história ocorre num processo de desenvolvimento à semelhança do desenvolvimento humano, iniciando na fase da infância, passando pela juventude e maturidade⁵.

Na segunda metade do século XIX, surge um novo pensamento, que enfatiza a matéria como única realidade. Essa nova corrente filosófica, outra forma de expressão da Teoria

Linear, é o “materialismo histórico”, que surgiu como uma bandeira da luta social desfraldada por Friedrich Engel (1820-1895) e Karl Marx (1818-1883). Para esses teóricos, a substância da realidade é a matéria em movimento. A História é a manifestação temporal dessa realidade, a qual se evidencia na luta de classes. Todo evento histórico, até os mais insignificantes, tem sua origem na luta de classes. Essa matéria em movimento é manifestada nos conflitos sociais entre os grupos privilegiados e os grupos sociais submetidos à exploração.

Os mentores desse modelo, ao aceitarem que a realidade histórica é a matéria em movimento, reconhecem que o motor que impulsiona tal forma de expressão social é a luta de classes. O ideal a ser atingido é a extinção paulatina das diferenças sociais, que conduz a humanidade a constituir uma sociedade sem classes, ou seja, o comunismo perfeito ⁶.

O impacto desse paradigma foi tão forte que até influenciou estudiosos da história bíblica, tais como Norman K. Gottwald. Este autor, ao tratar da historicidade do período patriarcal, reconhece que é necessário editar uma nova versão da mesma até encontrar narrativas que evidenciem a luta de classes. Dessa maneira, Gottwald sugere a aplicação de métodos sociais, entre os quais, as propostas por Karl Marx, para conhecer e talvez escrever a verdadeira história do povo de Israel ⁷.

Todas essas teorias de interpretação histórica, tanto a Cíclica como a Linear, estão baseadas num fundamento que José A. Maravall chama de “Princípio da Causalidade”. Emoldurado neste princípio, a história é uma seqüência de eventos promovidos por uma causa ou evento anterior. Assim, mantém-se conexão entre um fato anterior e outro posterior, de modo que o último aparece como conseqüência do primeiro ⁸.

4. O PRINCÍPIO DO DETERMINISMO

José A. Maravall, mencionado linhas acima, observando os fenômenos da natureza, principalmente no campo da física, enuncia outro fundamento para explicar o fato histórico: o “Princípio do Determinismo” ⁹. Não se pode duvidar da experimentação e dos resultados dos fenômenos físicos, como a força gravitacional, a atração dos corpos, a incidência dos raios luminosos, etc., cujos efeitos são determinados e seus resultados podem ser previstos. Assim, do mesmo modo, os eventos históricos não seriam manifestações aleatórias, mas fatos sujeitos a um prévio determinismo.

Uma noção do “Princípio do Determinismo” aplicado à interpretação da História é encontrada na obra *Cidade de Deus* de Agostinho de Hipona (354-430). Nessa obra, seu autor procura explicar que a queda do império romano e outros acontecimentos foram desígnios da Divina Providência ¹⁰. Modernamente, essa mesma noção é transmitida por um dos mais destacados teóricos da interpretação histórica, Arnold Toynbee. Segundo esse erudito, a História segue o desdobramento de um plano divino, até alcançar uma finalidade última, ou seja, cumprir o seu propósito teleológico ¹¹.

O estudioso da Bíblia que procura, mediante o uso deste instrumento sagrado, compreender a realidade histórica deste mundo e seu desenlace último, encontra nas suas páginas a orientação precisa para atingir esse propósito. Os escritores da Bíblia não somente foram inspirados para registrar os eventos passados, mas também receberam iluminação para expor o plano divino sobre o acontecer histórico do homem. Logo, mediante o estudo das Escrituras é possível continuar o “diálogo”, mencionado anteriormente segundo o conceito de Edward Hallet Carr, não somente “entre o presente e o passado”, mas também “entre o presente e o futuro”.

É temerário negar que muitos eventos ocorridos no transcorrer da História dependem de uma “causa” e, da mesma maneira, não se pode negar que outros resultaram de uma manifestação de conflito ou “luta de classes”. Tal distinção serve de base para a fundamentação das respectivas teorias. No entanto, sobre esses paradigmas se impõe a autoridade das Escrituras, cuja revelação assevera que o transcurso da História é o desdobramento do “plano divino” para a humanidade, até atingir que esse atinja sua suprema finalidade.

Afirmar que a História é o desdobramento do “plano divino”, imposto sobre o acontecer da realidade humana, pode ser surpreendente para quem não é familiarizado com a interpretação bíblica. Contudo, para quem tem intimidade com as páginas bíblicas, tal afirmação adquire todas as características de uma revelação. Essa revelação, expressa na Bíblia, é transmitida num estilo literário próprio, pleno de simbolismos e denominado profecias.

5. O DETERMINISMO E A PROFECIA

Profecia é um vocábulo substantivado, cujo conceito, por estar relacionado a uma atividade de expressão muito restrita, não é fácil de ser enunciado. Em forma simples, a profecia pode ser definida como a proclamação da palavra e vontade de Deus. Considerando o caso específico da profecia, o sentido dessa proclamação é extensivo ao futuro. Por isso o desenrolar da história humana é a expressão da vontade de Deus, mediante a revelação.

Todavia, é preciso considerar que a análise e interpretação da profecia não devem conduzir à simples descrição de acontecimentos que irão ocorrer, independentes de um propósito divino. Se assim fosse, a interpretação profética seria simplesmente uma outra forma de adivinhação ou instrumento de elaboração de prognósticos, emitidos para satisfazer mentes curiosas.

A profecia, mais do que revelar a História futura, procura manifestar claramente que os eventos do porvir estão determinados pela vontade de Deus, com o propósito de favorecer o bem-estar final do homem. Assim, o significado da profecia se amplia, alcançando as áreas que disciplinam o procedimento social humano e as que orientam a conduta individual. Isto significa que a profecia, além de revelar a história futura da humanidade, torna claro que o propósito divino irá se cumprir, respeitando o livre-arbítrio conferido ao homem. Desse modo, o conteúdo da profecia inclui palavras de exortação, advertência e encorajamento para os integrantes do povo de Deus de todas as épocas; a fim de que possam cumprir com a finalidade prescrita.

A profecia é a palavra de Deus. A palavra é ação que se manifesta tanto na criação como na história e, que “permanece para sempre” (Is 40:8). Pela palavra de Deus é que o Universo veio à existência, e pela palavra divina o desígnio do Universo foi traçado. Desde o Jardim do Éden a palavra profética revela o propósito último para o homem, o qual é sua salvação (Gn 3:15).

A História humana não é outra coisa senão a história da salvação, determinada desde o alvorecer da civilização. Nesse processo, Deus é o realizador e organizador da história humana. Ele não se limita a uma atuação afastada dessa realidade, mas pela encarnação, o próprio Deus participa da História. A aceitação desta realidade torna inteligíveis as palavras de Jesus quando afirma: “...meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (João 5:17). Entendendo por “trabalho”, o processo de salvação do homem efetuado pela Divindade.

A relação da palavra profética com a natureza divina é de tal sentido que a ação de Deus, como criador e como condutor da história, é realizada por este mecanismo. Nas Escrituras Sagradas, as palavras divinas e os fatos conseqüentes fazem parte da revelação de Deus. O Ser divino atua no universo expressando sua vontade mediante a palavra profética. É pela profecia que os desígnios de Deus são cumpridos. Como criador, Deus revela por meio da palavra profética sua função de governante do Universo (Sl 65:5-14). Sujeita cada objeto da criação ao cumprimento irrestrito de leis naturais, tão necessárias e que garantem a própria existência deles (Jr 31:35). Assinala também a cada objeto, limites da sua participação natural e uma específica finalidade deste (Jr 5:22).

É também pela palavra profética que Deus manifesta sua intenção sobre os eventos que marcam a história humana. Estes, não são acontecimentos acidentais, obedecem a um plano estabelecido por Deus, inclusive os de relativa significação (Is 43:18-21). Na Bíblia, Deus é apresentado como quem dirige a História de maneira sábia, determinando no transcorrer dos fatos uma finalidade e, fazendo que todo esse desígnio se cumpra pelo Seu atributo de onipotência.

Em forma específica, Deus dirige a história do Seu povo escolhido, exortando-o à obediência e, verbalizando advertências e ameaças de castigo (Am 3:2). Deus dirige também a história das nações, cuja participação no cenário histórico é preponderante pelo seu papel de domínio sobre outros povos (Is 10:5-14); e daquelas que, mesmo sendo menos expressivas, são significativas para a compreensão da História geral (Am 9:7 u.p.).

O objeto da profecia é dar sentido à História. É pela revelação profética que a história humana adquire seu real significado. A aceitação dessa afirmação foi uma questão existencial na religião do povo de Israel, e por extensão, também o é, no sentimento religioso do homem moderno, pois envolve o propósito final para a humanidade.

A palavra profética nos revela em última análise que Deus é o centro da História. Sua relação direta é evidenciada pela participação em dois planos de atuação. Primeiro, como



Providência ¹², ao organizar ou projetar o desenlace da História e, segundo, pela participação direta, através da encarnação, no drama da História humana. Deus entra na História, participa do cenário humano e dessa maneira assinala o objetivo teleológico para o homem.

NOTAS DE REFERÊNCIA

1. Essa expressão é própria da escola histórica alemã, exposta principalmente por Leopold von Ranke (1795-1886). Helio Jaguaribe. *Um Estudo Crítico da História*, p. 34.
2. Citado por H. Jaguaribe, Op. Cit. p. 41. Thomas Ramson Giles. *Introdução à Filosofia*, p. 212.
3. Vico acreditava que todos os povos passam por três idades sucessivas: a divina, a heróica e a humana. Essas idades são repetitivas e em forma indefinida (lei dos fluxos e refluxos) Jacinto Tredici. *História de la Filosofia*, p. 167
4. Hegel afirma que o idealismo na História começa com as nações do antigo Oriente e se desenvolve nas nações do Ocidente. T.R. Giles, Op. Cit. p. 214.
5. Para o Materialismo Histórico todo pensamento humano é conseqüência das suas necessidades vitais, que são de caráter econômico. Assim, a sociedade está sujeita a luta de classes para satisfazer essas necessidades. I. M. Bochenski. *A Filosofia Contemporânea Ocidental*, p. 81.
6. Norman K. Gottwald. *As Tribos de lahweh*, pp. 12-33.
7. José Antonio Maravall. *Teoria del Saber Histórico*, p. 160.
8. José Antonio Maravall. *Teoria del Saber Histórico*, pp. 146-160.
9. J. Tredici. Op. Cit. p. 84.
10. H. Jaguaribe, Op. Cit. pp. 50-52.
11. A Providência divina é comparada, por Keller e citado por Schökel, à atividade de um cineasta que organiza e monta o espetáculo da História, em três seqüências. A relatada por Moisés, a história de Israel; de Daniel, a sucessão dos grandes impérios; a de Isaías, o reino eterno de Deus. L. Alonso Schökel & J. L. Sicre Diaz. *Profetas. Comentários*, vol. I, p. 64.